

Gabriella Trindade
Noé

Graduanda em
Ciências Sociais
pela Universidade
Federal de Viçosa
– UFV.

Contato

gabriella.noe@ufv.
br

Palavras-chave:

Neorrural; Agroecologia; Permacultura; Sustentabilidade.

Keywords:

Neorural, Agroecology, Permaculture, Sustainability.

TRANSIÇÃO CIDADE-CAMPO ENTRE NEORRURALIZADOS: UM ESTUDO SOBRE TRABALHO E RENDA

City-Country Transition Among Neo-Ruralized Communities: A Study on Work and Income

Resumo: Atraídos pela tranquilidade, por qualidade de vida, pelo resgate com a natureza, pela busca por relações interpessoais mais concretas, pela fuga do caos e perigos dos centros urbanos, dentre outros motivos, os “neorruralizados” surgiram como uma contracultura alternativa que promove sustentabilidade e estreitamento dos laços no meio rural. Através da coleta de sete audiovisuais produzidos por neorruralizados na plataforma *YouTube*, o presente trabalho pretende traçar o perfil da nova classe social analisada e observar de que forma construíram alternativas de renda e trabalho em ambientes rurais sustentáveis.

Abstract: *Attracted by tranquility, quality of life, reconnecting with nature, seeking more genuine interpersonal relationships, escaping the chaos and dangers of urban centers, among other reasons, the “new ruralites” have emerged as an alternative counterculture promoting sustainability and closer community ties in rural areas. Through the analysis of seven audiovisual productions created by neo-ruralists on the YouTube platform, this study aims to outline the profile of this new social class and examine how they have developed income and work alternatives in sustainable rural environments.*

INTRODUÇÃO

As formas de estruturação e agrupamento da sociedade sofrem gradativamente com as diferenciações dos tempos e espaços juntamente das culturas novas ou pré existentes. Nesse sentido, a partir da década de 1950 e da modernização da agricultura resultante da Revolução Agrícola, se iniciou um processo de mudanças tecnológicas, sociais e econômicas em contraste com as transformações no mundo rural que deram lugar à vida industrial e urbana. Essa transição, principalmente no processo produtivo, gerou um custo ecológico que colocou em risco as bases camponesas que em um primeiro momento, para Giuliani (1990, p. 59), “pareciam estar destinadas à extinção pela pouca especialização da produção”. Ainda segundo o autor, era indicativo de que os modelos industriais poderiam se impor ao campo e transformar a agricultura em uma extensão da indústria, enquanto os próprios agricultores seriam vistos como “suburbanos”.

Em contrapartida, na perspectiva de Magnani (2002, p. 15), “a incorporação de [novos] atores e de suas práticas” no contexto social permite a criação de diferentes dinâmicas da cidade, para além de um olhar “competente” que dita as regras dentro dos seus interesses pelo poder. Nesse sentido, passa a ser diversificado o que as diferentes sociedades e culturas entendem sobre o que é lucrativo e relevante dentro dos seus próprios contextos. Dadas as mudanças negativas provocadas pelo processo de modernização da agricultura, como crises ambientais e sociais, a partir da década de 1970, outras formas de organização dos modelos produtivos e socioculturais do campo, que antes eram vistos como atrasados em relação às cidades, passaram a

ser atrativos para diversos grupos de pessoas, contrariando a lógica do modelo capitalista de produção.

As chamadas “contraculturas” que surgiram nesse contexto foram responsáveis por conglomerar diversos grupos ativistas a fim de lutar contra a racionalidade do padrão consumista e a favor de questões ambientais e sociais. A partir desse cenário de resgate aos valores tradicionais da agricultura, surgiu o movimento neorrural em contramão à ideia de que o urbano é o único sinônimo de evolução. “Assim como outrora as luzes da cidade atraíram a população do campo” (Giuliani, 1990, p. 59), os neorruralizados são atraídos pela tranquilidade, por qualidade de vida, pelo resgate com a natureza, pela busca por relações interpessoais mais concretas, pela fuga do caos e perigos dos centros urbanos, dentre outros motivos que os fazem se afastar cada vez mais das cidades e fazer o movimento contrário ao êxodo rural.

Ploeg (2008, p. 23) apresenta o conceito de recampesinização como “uma expressão moderna para a luta por autonomia e sobrevivência em um contexto de privação e dependência”. Sobre tudo, para que ocorra o processo de impulsionar a conservação da classe dos camponeses é preciso “intensificação da produção agrícola” [para que não haja] “partilha de pobreza (ou involução)” (Ploeg, 2008, p. 82). Atrelado a isso, também se faz necessário que ocorra relações sociais de co-produção e manutenção do capital ecológico. Diante das crises agrícolas e dos efeitos da globalização, o neorrural se coloca como um movimento inter-relacionado ao conceito proposto por Ploeg (2008), ainda que de forma mais limitante. Ambos se alinham com o princípio da agricultura sustentável e a valorização

das práticas tradicionais, e a recampesinização proporciona um ambiente mais dinâmico para o neorrural, focado na revitalização das práticas do campesinato.

Principalmente nesse contexto de busca por um contato mais próximo com a natureza, os métodos e as técnicas de plantio que os neorruralizados se apropriam são, na ideologia e na prática, voltados para preservação e manutenção dos espaços rurais. O fator “agroecológico” é uma premissa presente tanto no sentido produtivo quanto em um contexto mais amplo de relações interpessoais socialmente justas a fim de se construir um padrão de vida mais sustentável, que, mesmo tendo práticas individuais, ainda sejam pensadas também no coletivo. Essa relação, segundo Giuliani (1990), se desvincula de um estado de “anomia” e “atopia” e cria em compensação um espaço de inclusão, identidade e participação coletiva. Entretanto, o movimento neorrural ainda possui princípios que se integram ao meio urbano, visto que não se dissocia completamente do “sistema” de relações mais amplo, pautados em apropriação de terras, empreendimentos financeiros – ainda que sustentáveis – e sistemas de informação.

A busca por um espaço verdadeiramente ecológico é dificultada devido às crises climáticas e desastres ambientais provocados por intervenções humanas globais e pelas próprias limitações de espaço e recursos. O conceito de “desinibição” proposto por Jean-Baptiste Fressoz representa essa “negligência” aos acontecimentos futuros, ao contrário do que seria a “inibição” que “em compensação está na velocidade da reação às catástrofes engendradas mais tarde” (Latour, 2020, p. 218). Nesse sentido, segundo Venturi (2020, p. 40), é preciso levar em consideração “se o ambiente modificado pelos neorruralizados através de suas interferências na paisagem e no espaço se tornou realmente melhor sob os pontos de vista físico, químico ou biológico, e social”.

METODOLOGIA

A fim de contextualizar as formas com as quais os neorruralizados se apropriam dessas premissas, foram utilizados relatos encontrados na plataforma online YouTube a partir dos canais de sete pessoas que fizeram a transição cidade-campo e demais referências bibliográficas que agregam nessa temática. Essa escolha do “campo” de pesquisa qualitativa ser uma mídia social foi possível visto que “assim como a etnografia é tanto um método como um produto, a internet é tanto um modo de conduzir interações sociais quanto um produto dessas interações” (Evans *apud* Polivanov, 2013, p. 63). Segundo Ferraz (2019, p. 53), até mesmo Latour “já propunha perceber os significados entre os elos hibridizados que existem entre os humanos e as tecnologias [bem antes das tecnologias de mídias móveis adquirirem esta totalidade na comu-

nicação recente]”. Sobretudo, as inovações midiáticas contemporâneas além de proporcionarem conteúdos audiovisuais para o entretenimento ou informação, também podem ser usadas como meio de representação cultural.

Partindo dos pressupostos do fazer etnográfico tradicionalmente conhecidos, o meio virtual também se mostra como um espaço em que há técnicas de coleta, análise sistêmica, mas principalmente a formação de redes de significados a partir dos dados coletados. Sendo entendida como um artefato cultural, a internet “favorece a percepção da rede como um elemento da cultura e não como uma entidade à parte [...] pela integração dos âmbitos online e off-line” (Fragoso; Recuero; Amaral, 2011, p. 42). Mais especialmente, podem ser referenciais para estudos na área das Ciências Sociais através da análise das imagens e seus significados, da abordagem de cultura do ponto de vista popular, e da ciência e tecnologia. Através dos vídeos selecionados nessa pesquisa, foi possível traçar os contornos das vivências de cada um dos interlocutores analisados e como elas foram amarradas à “teia” de relações, no sentido weberiano, dentro do movimento neorrural.

NEORRURALIZADOS E RELAÇÃO COM A NATUREZA/AGROFLORESTA/AGROECOLOGIA E PERMACULTURA

A atual crise ecológica e social que destrói de forma progressiva o meio ambiente está ligada diretamente à visão de mundo que separa o homem da natureza, característica da cosmovisão ocidental e da ideia de progresso capitalista. Segundo Descola *apud* Castro (1996, p. 119), “o referencial comum a todos os seres da natureza não é o ser humano enquanto espécie, mas a humanidade enquanto condição”. Nesse sentido, contrariando as noções de cultura sobressaindo à natureza delineadas no século XVIII, os neorruralizados possuem responsabilidades morais sobre as suas intervenções no meio ambiente, visto que essas também acarretam em efeitos na sua própria vivência. Por exemplo, o interlocutor A. R.¹, de um dos vídeos do YouTube, conta que voltou ao eixo de ser um “ser humano” após fazer a transição para o meio rural e viver o sonho de uma vida sustentável e perto das pessoas que ama. O objetivo dele é mostrar que essa mudança não é uma realidade que está tão distante, apesar do que tradicionalmente se faz acreditar, e que, mais ainda, é possível ter uma vida moderna no meio rural também. Mesmo sendo reconhecido pelas conquistas de sua empresa dentro do mercado nacional e mundial, A. R. conta que não se auto reconhecia:

Começar do zero, para quem teve tudo, não é fácil não. E eu falo do zero, é do zero mesmo! Viver numa casinha sem janelas, uma casinha de barro na montanha... onde tem que guardar o ‘arrozinho’ pra ter comida no outro dia. Onde

1 Para maiores desenvolvimentos, ver COMO fazer a transição da cidade para o campo? Você deseja mudar de vida (2022).

só tem acesso de cavalo, básico mesmo, sem chuveiro elétrico. Comecei tomando banho de balde lá fora. Duro, para quem já teve tudo. Mas eu sobrevivi. [...] Casa sobre um alicerce de pedra muito antigo, reformei o barro das paredes e comecei a plantar oitenta por cento do que eu consumo.

2 Para maiores desenvolvimentos, ver TRANSIÇÃO da cidade para o campo (2022).

3 Para maiores desenvolvimentos, ver ENTREVISTA sobre a transição da cidade para o campo (2021).

4 Para maiores desenvolvimentos, ver TRANSIÇÃO cidade campo (2023).

Partindo desse primeiro relato, à luz de Venturi (2020, p. 39), se compreende que os aspectos da autonomia alimentar e a autoprodução defendidas na transição cidade-campo se diferenciam do sistema produtivo tradicional, “que promove [sobretudo] a dependência” uma vez que a produção deixa de ser alimento e vira *commodities*, visando apenas o lucro das grandes instituições capitalistas. Diretamente relacionada a essa perspectiva, o interlocutor N. S.², que participa de um instituto voltado para a permacultura, pontua:

Você pode ter um carro chefe, né, mas na agroecologia nunca que a gente vai cultivar um único alimento, isso é contra o princípio agroecológico. Inclusive vai ser muito difícil você ter uma cultura só, porque quando você tem uma cultura só você vai acabar indo pro convencional, vai usar veneno, vai usar fertilizante, porque a monocultura ela vai atrair pragas, e o equilíbrio ecossistêmico ele vem justamente dessa diversidade.

Sobre a questão da competitividade dentro desse sistema produtivo não tradicional, N. S. aconselha que o principal é ter um diferencial, e não pensar na competição em si. Para ele, possuir um alimento orgânico já é um fator de diferença, porque o convencional é encontrar alimento com pesticidas, com veneno, então, um produto dentro dos princípios agroecológicos já conquista vantagem: “Fazer o feijão com arroz da agroecologia”, diz N. S.

Além das preocupações com as questões socioambientais, o imaginário de muitos neorruralizados ainda está intrinsecamente ligado à noções tradicionais:

[...] veem a mudança para o rural como uma forma de investimento em negócios. Isto é, têm entre suas motivações principais a propriedade rural como uma fonte de renda financeira, e não apenas uma fonte de qualidade de vida socioambiental (Venturi, 2020, p. 184).

A partir do relato do produtor E. D³, é possível reconhecer que existem *outsiders* dentro do movimento, visto que, por vezes, desconsideram os custos ambientais para manter uma produção em larga escala, fazendo, por exemplo, o uso de insumos bioquímicos:

Você produzir para você comer, você faz tudo natural, tudo sem agrotóxico não tem problema não, consegue sim! Agora você produzir para vender, uma escala um pouquinho maior que cinco, seis famílias, já é difícil, gente, não dá! Você tem que usar porque, por exemplo, dá um pulgão numa porta sua, você vai lá e tira até com a mão [...] agora uma horta de cem metros por quarenta de largura, em toda horta pegar um pulgão, o cara não consegue tirar, ele

tem que passar um produto.

Em uma perspectiva mais ampla, a maioria dos perfis de neorruralizados analisados se apropriam da ideologia de um “espaço verdadeiramente ecológico” e colocam em prática as diferentes formas de conquistar esse objetivo. Para Martinez-Alier *apud* Ploeg (2008, p. 66), a recampesinização, nesse contexto sendo atrelada ao neorrural, representa uma luta pela defesa da biodiversidade visto que as pautas modernas do ambientalismo global, contra as ameaças dos pesticidas e a favor poupança de energia, por exemplo, são argumentos que impulsionam o camponês para melhores condições de vida e a sua sobrevivência cultural, fugindo assim da extinção do seu grupo. Nesse segmento, segundo Octavio Ianni *apud* Brandão (2007, p. 42),

Mesmo nos espaços mais aparentemente dominados pelo gigantismo “do que mudou”, as formas de vida comunitárias e tradicionais, de ocupação e produção em multi espaços partilhados de vida, labor e trabalho, não apenas resistem e sobrevivem, mas, em alguns cenários, elas proliferam, se adaptam e se transformam (Ianni *apud* Brandão 2007, p. 42).

O produtor rural e consultor de sistema florestal W. I.⁴, conta que o prazer da sua vida é transformar as paisagens com o trabalho da agrofloresta, para que o espaço fique mais parecido com o que havia de ambiente natural nos lugares degradados e tornar ele produtivo, trazendo de volta as espécies nativas dele:

O princípio da agrofloresta é otimizar os processos de vida, então a gente tem aqui uma área que não é natural da região, uma área modificada, degradada, para se transformar em pasto – que é a história de maior parte das terras aqui da Mantiqueira ou da Mata Atlântica, né, do Sudeste. E a gente tem um processo de recuperação que a gente pode olhar ali que esse capim, que do pasto ele vai crescendo, vai deitando e começam a vir outras espécies: alecrim do campo, começa a vir um assa-peixe, o rabo de burro; a gente começa a ter espécies que são ainda espécies pouco exigentes, né, espécies vão chamar assim de ‘secundárias’, espécies que vem de áreas degradadas, então elas são pouco exigentes... conforme essas espécies vão morrendo, elas vão formando matéria orgânica e vão criando condição para espécies mais exigentes.

Em resumo, para W. I., o ponto alto da agrofloresta é otimizar os processos e a autossuficiência da vida no campo, e entender sobre como cada espécie se comporta em determinados locais. Por exemplo, na Amazônia não é possível cultivar produtos de clima frio – como brócolis, framboesa e amora – então é necessário adaptar o seu mercado, a sua cultura alimentar e comercial para que determinadas espécies floresçam. W. I. fala ainda sobre a autonomia alimentar, do plantar e consumir o seu próprio alimento também estar relacionado com a questão climática: em tempos de inverno, por exemplo, determinadas espécies de plantio darão resultados produtivos enquanto outras não, de forma que a dieta alimentar vai

estar condicionada a esse fator.

Em relação aos diferentes espaços possíveis no esquema da agroecologia, a interlocutora J. V.⁵ apresenta o que são as “agrovilas” e “ecovilas”, destacando suas contraposições. Ela explica que a agrovila é uma habitação muito ligada a ter uma área produtiva individual, ao mesmo tempo em que existem áreas coletivas de beneficiamento, como armazenamento e busca por um bem comum de comercialização principal. Já a ecovila pode possuir o fator de espiritualidade, não necessariamente religiosa, e também é voltada à sustentabilidade, em ter habitações sustentáveis, se preocupa com o processo do resíduo, como a compostagem ou formas mais complexas de descarte. Diferentemente das agrovilas, na maioria das ecovilas, as áreas são comuns, então não possuem lado delimitado para a produção, causando também mais conflitos, visto que gera uma competição ou fiscalização. Segundo o relato de N. D.⁶, as ecovilas que mais têm desavenças são as de permacultura devido a falta da subjetividade expressa através da presença de um líder espiritual.

Um fator de importância comum encontrado na maioria dos relatos analisados diz respeito à preocupação com a água. O casal M. P.⁷ e C. P.⁸ conta que o principal para eles é verificar se há água em abundância na propriedade, visto que além do ser humano, os animais e plantas também precisam dela para sobreviver. Em relação à proibição de reservatórios particulares de água, para o interlocutor W. I., dentro dessa ideia da transição, muitas pessoas saem da cidade já com uma influência política e/ou econômica, e que por esse motivo, conseguem contornar a lei. Mas, apesar de existirem esses perfis, ele argumenta que são casos pontuais e que o campo não virou uma zona de conflito em sua totalidade. O que W. I. também reforça é a necessidade de tomar cuidado com as suas intenções de fazer a transição, para não acabar conflitando com suas frustrações na cidade — por exemplo, achar que o ambiente urbano pode ser hostil, mas replicar esse tipo de comportamento dentro do meio rural.

Em suma, o fator da agroecologia está presente na maioria dos discursos dos interlocutores, ainda que de forma diferente entre eles:

A concepção do trabalho da natureza, mediado pelo agricultor, como capital natural; o rompimento com o pensamento colonial; a noção de cooperação dentro dos sistemas vivos como base para a existência deles; a intencionalidade de participar nessa cooperação, contribuindo para sua complexificação em conjunto com o aumento de produtividade agroflorestal; e a percepção de que essa complexificação não pode se dar de forma dissociada da inclusão social, cultural — e mesmo entre espécies diferentes — parecem ser elementos de ligação, afinal, entre a eternidade da fertilidade do solo, a vida intelectual do trabalhador rural e a saúde física do trabalhador urbano (Steenbock et al. 2020, p. 67).

Sobretudo, reconstruir essa noção da coletivi-

dade corrobora também para se desenvolver de fato esse espaço socialmente justo, mais sustentável e mitigar os desastres ambientais provocados pela negligência humana.

BUSCA DO “SER” AO INVÉS DO “TER”: RELAÇÃO ENTRE TRABALHO E RENDA

Como já sabido, a racionalidade advinda da modernização das relações rurais altera estruturas sociais de poder, de apropriação de espaços de vida, trabalho e produção (Brandão, 2007, p. 39). Em compensação, o surgimento das novas culturas de agricultura camponesa contraria a lógica capitalista e promove outras configurações, dissociando a ideia da razão voltada exclusivamente para o lucro, competitividade e especialização. Nesse novo entendimento do que é o rural, notoriamente o capital não deixa de ser um fator de importância, mas se reconfigura sob dimensões mais afirmativas. Segundo Medeiros (2017, p. 183), essas novas ruralidades devem ser estudadas levando em consideração o espaço físico — a partir de território e símbolos; o lugar de onde se vê e vive o mundo — cidadania e inserção política e econômica. Dessa forma, fica evidente a existência de componentes ideológicos que desestabilizam as velhas noções do que é comumente ligado ao rural e em contrapartida dissociado do urbano, e vice-versa.

A reterritorialização dos espaços rurais contraria a divisão entre tempo produtivo e tempo livre, e passam a se integrar na cultura rural subvertendo, segundo Providence *apud* Giuliani (1990, p. 64), o antigo modo de “habitar”, bem como o modo de produção da sociedade rural, ao mesmo tempo em que cria novas relações sociais produtivas. Nesse sentido, os modelos criados a partir da relação entre trabalho e renda no campo são diversificados do padrão de acumulação do capital nos centros urbanos, ainda que também haja as suas complexidades. A prática do autoconsumo, na visão de Venturi (2020, p. 62), surge como uma resposta imediata dessa nova configuração da ruralidade baseada nas necessidades humanas:

Contraria a lógica exploratória capitalista, que visa prioritariamente o mercado e escraviza os agricultores como dependentes do consumo da cidade, produzindo sob sua demanda o que não consomem, passando a depender também da lógica mercadológica para a satisfação de suas necessidades (Venturi, 2020, p. 62).

Para o interlocutor W. I., por exemplo, se a máxima da agrofloresta é otimizar os processos de vida, a máxima da autossuficiência e da vida no campo é “ninguém chega lá sozinho”:

A minha autossuficiência, é a autossuficiência do meu coletivo, então eu troco as minhas cestas de verduras, e frutas e legumes, por kombucha, por mel, por um hambúrguer de girassol por, né, pelas outras coisas que eu não produ-

5 Para maiores desenvolvimentos, ver COMO fazer a transição da cidade para o campo (2022).

6 Para maiores desenvolvimentos, ver TRANSIÇÃO da cidade para o campo (2022).

7 Para maiores desenvolvimentos, ver COMO é a transição da cidade para o campo/roça/sítio? (2021).

zo. Porque se eu não tenho conhecimento, não tenho tempo, não tenho material, não tenho maquinário, e cada um na sua... então mesmo para vender as coisas, se a gente vem com essa cabeça [...] é muito difícil, você não monta uma feira sozinho, né [...] eu não consigo plantar todos os itens. Eu preciso de um outro parceiro para poder fazer parte disso [...] eu acho que a minha autossuficiência, meu conceito, ele inclui autossuficiente de um coletivo, relações extra-sítio....

Segundo Giuliani (1990, p. 64), o movimento neorrural também possibilita a esfera da “soberania individual” a partir de atividades que nem sempre possuem objetivos econômicos prioritários, diferentemente da cultura urbana pautada em redes de desejo saciadas pelo consumo e lazer, reduzindo assim a dependência com o mercado. Como manifestado também por W. I., “Parte da minha produção e das minhas relações [...] não passam pelo dinheiro”. Em resumo, para Giuliani (1990, p. 65), “o neo-ruralismo é caracterizado por dimensões afirmativas, como valorização da natureza e da vida cotidiana, a busca por autodeeterminação e do trabalho pelo prazer [para além da conquista econômica]”.

Entretanto, ainda que não seja o principal objetivo, a sobrevivência das famílias é um fator também a ser levado em consideração para fazer a transição e se manter no meio rural. A interlocutora J. V. apresenta oportunidades que o campo traz do ponto de vista de comercialização e de negócio:

Não é o foco comercial principal mas eu tenho possibilidades também de mesmo morando na propriedade, tendo a minha alimentação garantida, eu conseguir também fazer alguma geração de renda se eu tiver com um grupo organizado e se eu tiver com o planejamento para colocar um produto no mercado [...] você consegue ter um selo do orgânico, então isso vai agregando valor e fazendo com que mesmo com uma área pequena você consiga ter aí uma renda, que também faça com que a família possa tá mudando de forma completa.

O que se entende por “segurança alimentar sustentável”, segundo Goodman, Dupuis e Goodman *apud* Souza (2018, p.4), “é altamente contingente e isso introduz um grau significativo de ambivalência e generalização”. Nesse sentido, é importante entender que o neorrural possui lutas ativistas que desafiam as estruturas tradicionais, mas ainda existem desafios e limitações a serem superados, como por exemplo: a dificuldade de inserção das redes alternativas de produção devido ao domínio das práticas convencionais de mercado; ampliação do público sem perder os princípios de sustentabilidade e justiça social; conflito de interesses relacionados a políticas públicas, além da cooptação do princípio sustentável por parte das grandes empresas apenas como uma fachada para manterem seus interesses e o domínio comercial.

No movimento neorrural também é possível observar a dinamização e revalorização de

atividades rurais não-agrícolas, decorrentes das transformações do meio rural que passa a ser lugar de moradia, turismo, lazer, preservação da natureza e prestação de serviços (Medeiros, 2017, p. 183). O interlocutor N. D. fala um pouco dessa possibilidade de obter uma renda passiva a partir da oferta de serviços em arrendamentos dos espaços que não são utilizados na propriedade:

Não pensar só em produto, pensar em serviço também, né, então sempre estar atrelando alguma coisa, ou de hospedagem, ou de turismo rural, ou de visita ecopedagógica, ou de centro holístico, mas tentar agregar também ali no espaço algum tipo de serviço que possa ser feito pra tá rentabilizando mais. Apesar de saber que cada empreendedor vai ter um tipo de perfil, né, tem gente que é mais focado em perfil de venda, tem gente que é mais focado em atendimento.... Mas é interessante abrir um pouco a cabeça pra essa realidade também.

A partir disso, um ponto conclusivo é de que, no movimento neorrural, a geração de renda monetária não necessariamente está atrelada ao processo de venda; pelo contrário, quando há um planejamento de serviço dentro da propriedade, os neorruralizados acabam deixando de gastar dinheiro e ao mesmo tempo também gerando renda passiva para suprir a família.

Ainda sobre o dinamismo no processo de produção, é característico do movimento neorrural pensar as definições de geração de renda a partir da função social da terra. Para J. V., é possível ter um produto só para matéria-prima, mas a partir dele, é possível criar outros tipos de derivados e diversificar a renda:

Eu vou produzir o alimento para minha família, e pronto, essa é uma estratégia, ou eu posso produzir além do alimento para minha família produzir matéria prima para vender para alguém que tem processadora, ou eu posso ter uma beneficiadora, começar a beneficiar os produtos na propriedade para tá agregando valor; então vai depender da estratégia aí de cada família.

Por exemplo, utilizar a mandioca só como primeiro insumo ou trabalhar a produção de farinha, de ração, de parte aérea, da produção de álcool e demais procedentes dela; ou o cacau, que pode ser trabalhado somente para venda da semente de forma convencional, mas também como alimento – como o *carpaccio* e o *nibs* de cacau, que têm sido utilizados na alimentação funcional – a extração da polpa, do mel do cacau, dentre outros. Ou seja, existem vários tipos de processamento a partir de um único insumo que, consequentemente, gera a expansão da comercialização de produtos e aumento da renda das famílias.

Saber qual a sua qualidade dentro do campo, suas preferências, como por exemplo, cuidar de plantas ou animais e dividir as tarefas são formas de se preparar e se manter nesse espaço, segundo o casal C. P. e M. P.:

Quando nós estávamos na cidade, a nossa principal fonte de renda que nós queríamos

8 Para maiores desenvolvimentos, ver COMO é a transição da cidade para o campo/roça/sítio? (2021).

fazer aqui no sítio era na criação de ovelhas. Esse é o plano A, e era o plano que eu tinha em mente que nós queríamos fazer, e eu vou fazer isso ainda aqui, mas eu quero te falar que esse plano de colocar ovelhas ele ampliou, né?! Não ficou parado apenas ali na ovelha. Então eu quero que você tenha essa flexibilidade para captar no ar as oportunidades.

O casal esclarece que o planejamento e a produção de insumos para geração de renda extra começou antes de completarem a transição cidade-campo:

Você vai ter que começar a pensar: “Bom, eu vou pro sítio, lá não tem fast food, lá não tem eu ir comprar uma pizza, lá não tem ‘eu ir na padaria comprar o meu pãozinho fresquinho’.” Então você precisa começar a desenvolver a prática, fazer a sua própria pizza, de você fazer o seu pão, de você começar a fazer receitas caseiras ali na sua casa. Você começar a ver como faz um queijo (...) um pão, até uma mortadela caseira (...) Então tem tantos outros conteúdos que você pode desenvolver, fazer pra você o que é gratificante pra você... olhar aquilo que você fez e comer te dá até mais prazer do que você pegar coisa pronta, sabe?!.

Sobretudo, é importante ir para o campo com alguns conhecimentos e práticas de produção agroecológica previamente conhecidos, para além de garantir um meio de sobrevivência, também não fracassar ao começar completamente do zero. Fabricar conservas, fazer sementeiras, preparar alimentos a partir da sua matéria-prima, plantar hortaliças são exemplos de atividades que já podem ser praticadas no meio urbano e replicadas em maior escala no meio rural para obtenção de renda.

Retomando o componente ideológico do movimento neorrural, o interlocutor A. R. salienta que antes da transição, trabalhava em busca do “ter” e ia cada vez mais esquecendo do “ser”. Para ele, só é possível seguir uma rotina saudável e consistente ao sair da “lata de sardinha” que é o pacote social tradicional do qual as pessoas comumente participam. Com a transição é possível, segundo A. R., sair do que é esperado pelo sistema e pelo que as outras pessoas esperam para de fato ser feliz. Em síntese, conforme Abramovay *apud* Medeiros (2017, p. 185), a ruralidade não se caracteriza por ser “uma etapa do desenvolvimento social a ser superada com o avanço do progresso e da urbanização, e sim uma forma de valor para as sociedades contemporâneas”.

CONCLUSÃO

A transição cidade-campo experimentada pelos neorruralizados emerge como um movimento que busca não apenas qualidade de vida e conexão com a natureza, mas também se coloca como uma alternativa às pressões e ao estilo de vida dos centros urbanos. Através dos audiovisuais selecionados, foi possível traçar uma caracterização do perfil da nova classe social analisada e

de que forma construíram possibilidades de renda e trabalho em ambientes rurais sustentáveis. Ainda que seja um movimento protagonizado por um nicho específico de pessoas com interesses e condições de vida semelhantes, o movimento neorrural é uma estratégia interessante para ampliar e manter o ambiente rural. Segundo Medeiros (2017, p. 186), o neorrural “trouxe dinâmicas transformadoras, como a reinversão das tendências migratórias – [principalmente como esses processos migratórios desestabilizam dicotomias entre rural e urbano] – a modernização dos modos de vida e novas formas de organização dos atores sociais”.

Dessa forma, fica evidente que a associação do rural como sinônimo de atraso é dissociada da realidade atual nas ruralidades emergentes no Brasil. As práticas agroecológicas, o sistema da permacultura e a agrofloresta para os neorruralizados não atuam apenas como modelos produtivos, mas principalmente como expressões de uma filosofia de vida centrada na coletividade e na sustentabilidade ambiental. Sobretudo, a autonomia alimentar e a produção sustentável além de fortalecer a segurança nutricional, também redefinem as relações econômicas e sociais nesse novo ambiente rural. Entretanto, enquanto muitos neorruralizados buscam um estilo de vida mais simples e próximo à natureza, essa escolha não está isenta de desafios. Desde a gestão dos recursos naturais até a integração econômica com o mercado, cada passo na transição implica escolhas e negociações complexas entre ideologias e realidades práticas.

Em síntese, o neorrural é um movimento dinâmico que, mesmo possuindo limitações, desafia as estruturas convencionais de produção e consumo dos moldes capitalistas, propondo novas formas de viver em harmonia com o meio ambiente. Essa pesquisa sublinha que as práticas do movimento neorrural são significativas para um desenvolvimento mais sustentável à medida que valoriza tanto a qualidade de vida coletiva quanto a preservação dos recursos naturais para as gerações posteriores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Tempos e espaços nos mundos rurais do Brasil. **Ruris: Revista do Centro de Estudos Rurais**, n. 1, v. 1, p. 37-64, 2007.

CASTRO, E. V. de. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Mana**, Rio de Janeiro – RJ, v. 2, p. 115-144, 1996.

COMO é a transição da cidade para o campo/roça/sítio?. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (33 min). Publicado pelo canal Família no Campo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Z8_ZILFt-aA. Acesso em: 01 dez. 2025.

COMO fazer a transição da cidade para o campo – Jeilly Vivianne – II Congresso da AdAgrA Brasil. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (42 min). Publicado pelo canal AdAgrA Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kcClBa5k9G8>. Acesso em: 01 dez. 2025.

COMO fazer a transição da cidade para o campo? Você deseja mudar de vida. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (24 min). Publicado pelo canal Vida Simples na Natureza. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oN1M71pzjqo>. Acesso em: 01 dez. 2025.

ENTREVISTA sobre a transição da cidade para o campo. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (88 min). Publicado pelo canal Família no Campo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=077HZKtsXES>. Acesso em: 01 dez. 2025.

FERRAZ, Cláudia Pereira. A etnografia digital e os fundamentos da antropologia para estudos qualitativos em mídias online. Aurora. **Revista de Arte, Mídia e Política**, v. 12, n. 35, p. 46-69, 2019.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GIULIANI, Gian Mario. Neo-ruralismo: o novo estilo dos velhos modelos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 5, v. 14, p. 59-67, 1990.

LATOUR, Bruno. **Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno**. Ubu Editora, 2020.

MAGNANI, José Guilherme. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, n. 49, v. 17, p. 11-166, 2002.

MEDEIROS, R. M. V. Ruralidades: novos significados para o tradicional rural. **Dinâmicas do espaço agrário: velhos e novos territórios: NEAG 10 anos**. p. 179-189, 2017.

PLOEG, J. V. der. Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. POA, Editora UFRGS, 2008.

POLIVANOV, Beatriz Brandão. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. **Esferas**, Niterói – Rio de Janeiro, n. 3, p. 61-71, 2013.

SOUZA, A. C. Reflexões acerca de Redes Alimentares Alternativas. Resenha do livro: GOODMAN, D; DUPUIS, M.E., GOODMAN, M.K. *Alternative Food Networks: knowledge, practice, and politics*. Abingdon: Routledge, 2012. **Contextos da Alimentação**. v. 6, n. 1, p. 1-5, dez. 2018.

STEENBOCK, Walter; VEZZANI, Fabiane Machado; COELHO, Breno Herrera da Silva; SILVA, Rodrigo Ozelame da. Agroflorestra agroecológica: por uma (re) conexão metabólica do humano com a natureza. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Rural Sustentável**, Curitiba, n. 2, v. 6, p. 49-60, 2020.

TRANSIÇÃO cidade campo – Wilde Itaborahy. [S. l.: s. n.], 2023. 1 vídeo (55 min). Publicado pelo canal Chico Abelha. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2211CX_SKek. Acesso em: 01 dez. 2025.

TRANSIÇÃO da cidade para o campo. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (66 min). Publicado pelo canal Instituto Pindorama. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NJrQmZQ-PYI>. Acesso em: 01 dez. 2025.

VENTURI, Marcelo. **A influência da permacultura em unidades de novos rurais**. 2020. 399 p. Tese de Doutorado. (Programa de Pós-Graduação em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina.

